

O SERTANISTA BERNARDO SAYÃO *

Fritz Teixeira de Salles

Com o ouro do novo nos olhos
o padrão do novo no gesto
no mar da selva e do vão

— com suas amarras de garra
com suas armas de guerra —
— esgrima com a lâmina dos ventos —
sabia raiz e montanha.

Pesava terra e trevas
sabia-lhes a densidade —
— volume calor contorno
sombras sussurros volteios.

— arco e balisa de marco em marco.

Domava estações e luas
assombros climas chuvas —
— marcando distância e sinal
e o ermo rompe seu termo
— marco em marco
balisa e arco.

* Bernardo Sayão é o sertanista morto em 1958, ao construir a Belém-Brasília —
Lendas e hipóteses circulam em torno da sua morte.

Com suas mãos de humus
na hulha dessas entranhas
— com seus braços de bronze
— aquele silêncio de brenha

— de marco em marco
seu calar seu falar

à montanha à várzea e ao rio
nascendo/ de suas mãos nasceram —
novos mapas — novo aviso —
convívios novos de gente na chegada.

Com suas garras de guerra
bravio trator de carne —
— certo e alegre no espanto —
com seu machado de prata
com seu grito solar de rio
no compasso das léguas verdes

ele todo clarão se tornava —
— cidade e cidade de marco em marco
arco e balisa de espaço a espaço.

E quando aflorava no deserto
altiva/livre, cidade aberta
— clara alerta terreal —
era como se tivessem fluído
dos rios de suas veias

as moradas azuis dessas selvas
e ele todo clarão se tornava —
— ele todo Sayão se tornava.